



## SÉRIE DIÁLOGOS ESTRATÉGICOS (NT17)

### BRASIL VISTO DO EXTERIOR

# A PERCEPÇÃO DE INSTITUIÇÕES INTERNACIONAIS QUANTO AO POTENCIAL DO AGRONEGÓCIO BRASILEIRO

Autor: Mario Alves Seixas, Ph.D.<sup>1</sup>

## 1. RESUMO EXECUTIVO

A Secretaria de Inteligência e Relações Estratégicas – SIRE, disponibiliza a **17ª Nota Técnica**, da Série Diálogos Estratégicos-Mercados Internacionais, abordando a percepção externa em relação ao potencial do agronegócio brasileiro. Analisa o estágio atual de alguns produtos prioritários do agronegócio de nosso país, com destaque para grãos, todo o segmento produtivo de carnes, laticínios e café, e está fundamentada em recentes relatórios publicados por instituições de alta respeitabilidade internacional como a Fitch Solutions (ex-Business Monitor International Research-BMI), pertencente à Agência de Risco Fitch Group e a RaboResearch Food & Agribusiness, pertencente ao grupo Rabobank, uma instituição financeira global de raízes cooperativas e agrícolas, líder mundial de serviços financeiros para o setor de agronegócios.

As narrativas de ambas instituições são assemelhadas quanto à importância do agronegócio brasileiro e sua pujança em um mundo em contínua transição, mas suas projeções apresentam certa discrepância tendo em vista as fontes e bancos de dados utilizados. Enquanto a Fitch Solutions utiliza, majoritariamente, suas próprias bases de dados, pertencentes à Agência de Risco Fitch Group, a RaboResearch Food & Agribusiness utiliza um mix de suas próprias bases de dados e fontes nacionais como o Instituto de Economia Agrícola (IEA), Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (CEPEA), vinculado à Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz (ESALQ), Associação Nacional de Defensivos (ANDA) e outras.

Ambas as instituições destacam a importância positiva do agronegócio brasileiro e sua expansão para o mercado asiático, particularmente China, em momentos conturbados entre esse país e os Estados Unidos. A disputa global que vive o país asiático pode reforçar os laços político-comerciais com o Brasil, evoluindo de meros parceiros de negócios, para aliados estratégicos (<https://ww1.folha.uol.com.br/fsp/fac-simile/2018/06/26>).

Fitch Solutions (2018b) destaca que o comércio de produtos agrícolas está provando ser uma ferramenta chave de negociação entre os EUA e China e o resultado das negociações determinará os beneficiários do aumento contínuo da demanda de importação chinesa. Caso os dois países encontrem motivos comuns, a China provavelmente aumentaria as importações de produtos agrícolas dos EUA, à custa de fornecedores alternativos que vêm ganhando participação de mercado nos últimos anos.

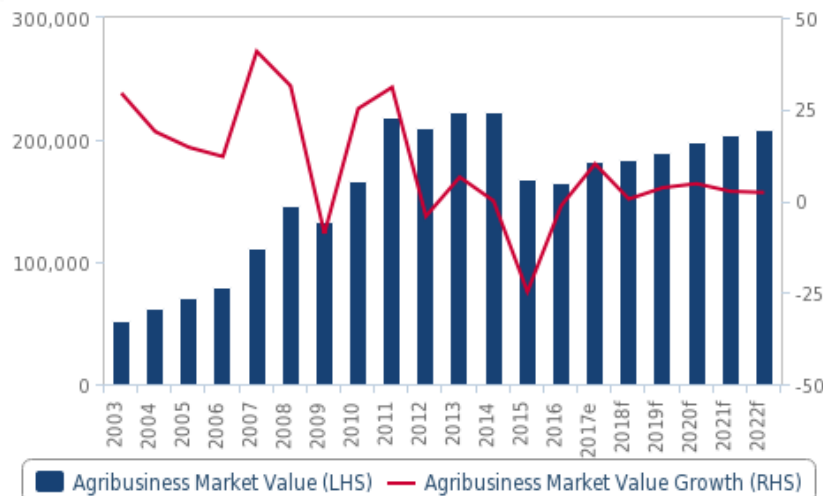
RaboResearch Food and Agribusiness (2018b), em seu mais atualizado relatório sobre a evolução da chamada “guerra comercial” entre os dois países, denota grande pessimismo sobre o desenrolar dos acontecimentos mais recentes. Mencionando a possibilidade de cortes de 1,6% nas previsões relacionadas ao crescimento do PIB da China, em 2019, se os Estados Unidos insistirem em aumentar as tarifas de todos os produtos importados chineses, demonstra a gravidade do momento vivido por aquele país. Extremamente preocupante é que, segundo atuais relatos incluídos em seu recente relatório alterações, ou desacelerações das medidas tomadas pelo governo dos Estados Unidos, parecem cada vez mais remotas após o novo Acordo EUA-México-Canadá (USMCA), ex-NAFTA, recém celebrado entre os três países.

Por esse Acordo, haveria impedimento, por cláusula acordada entre as partes, da China ter negociações comerciais diretas com o Canadá, ou o México, sem a permissão dos EUA.

De acordo com RaboResearch Food and Agribusiness (2018b), as próprias tarifas criadas internamente pela China estão começando a afetar as cadeias de fornecimento em setores que enfrentam escassez no país. Os impactos negativos das sobretaxas tarifárias criadas para importação da soja dos EUA serão ainda mais evidentes quando a janela de exportação se abrir. Em anos normais a China importa entre 15 a 18 milhões de toneladas de soja dos EUA entre outubro e janeiro. No entanto, como os estoques da América do Sul (Brasil e Argentina, principalmente) estão ficando baixos para os importadores chineses, a escassez de oferta pode se tornar um problema sério para o resto do ano. Sem a oferta de soja dos EUA, espera-se que a China enfrente uma escassez estimada em 10 a 12 milhões de toneladas, de outubro a janeiro. Se o embargo continuar em vigor, os preços domésticos da farinha de soja continuarão a subir. O governo poderia forçar as fábricas de ração a reduzir o uso de farelo de soja nas rações, embora algumas mudanças possam prejudicar a produtividade e a saúde animal (RaboResearch Food and Agribusiness (2018b)).

Esse é o grande objetivo desta Nota Técnica: alertar que mais do que estipular metas para expansão das exportações do agronegócio brasileiro, torna-se necessário planejar corretamente os próximos passos e entender a percepção desses atores sobre a potencialidade de nosso agronegócio. Fitch Solutions (2018a, 2018b) e RaboResearch Food and Agribusiness (2018a, 2018b), portanto, serviram de base e fundamentação para esta Nota. As narrativas, estimativas e projeções dessas instituições são positivas para o agronegócio brasileiro.

Fitch Solutions (2018b), destaca a evolução do valor de mercado do agronegócio, e seu crescimento anual, de 2003 até 2022 (Figura 1).



Fonte: Fitch Solutions (2018b)

**Figura 1:** Valor de mercado do agronegócio brasileiro (milhões de dólares) e crescimento anual (%)

## 2. A PERCEÇÃO DE INSTITUIÇÕES INTERNACIONAIS QUANTO AO POTENCIAL DO AGRONEGÓCIO BRASILEIRO

Fitch Solutions (2018b), utilizando as informações e bases de dados de propriedade da Agência de Risco Fitch Group, elaborou para seus assinantes e contratantes, uma sintética narrativa relacionada aos possíveis efeitos das eleições gerais do Brasil em 2018 e identificou seis tópicos que poderão ser motivo de futuras políticas públicas para o setor do agronegócio: políticas de combustíveis, custos de frete, apoio fiscal ao agronegócio, restrição à corrupção, políticas ambientais e política cambial.

Destas, a proteção contra os preços voláteis dos combustíveis (que mantiveram o etanol mais competitivo do que o açúcar), maior acesso ao crédito rural, iniciativas anticorrupção e expansão agressiva de terras agrícolas representam riscos positivos para as estimativas de produção. A possibilidade de manter taxas de frete mínimas e pressão fiscal crescente, resultando na possível reversão do apoio financeiro aos produtores, representam riscos negativos para essas estimativas, descritas a seguir (Fitch Solutions, 2018b).

As projeções da Fitch Solutions (2018b), utilizando majoritariamente dados quantitativos e qualitativos próprios, incluindo dados da BMI (2018a, 2018b), são abrangentes e englobam o período 2018 a 2022.

- **Soja:** a produção atingiu o pico na safra 2017/18, cêrca de 114,1 milhões de toneladas, após a expansão recorde da área cultivada e níveis de produtividade, um crescimento de 18,2%, em relação a 2016/17. De 2018 a 2022, estima-se crescimento positivo mas limitado: em média, 1,7% ano a ano, para 124,1 milhões de toneladas, até 2022. Esse crescimento conservador fundamenta-se na escassez de área disponível para expansão, bem como o uso já elevado de sementes geneticamente modificadas. Entretanto, a soja tenderá a continuar a ser a cultura preferencial para cultivo até 2022, devido principalmente à forte demanda chinesa. A produção interna de aves e suínos também impulsionará o crescimento da demanda de soja para rações (**Tabelas 1 e 2**).
- **Milho:** a produção atingiu níveis recordes em 2016-2017. O mesmo não ocorrerá na safra 2017-2018, devido à redução de área cultivada. As perspectivas de longo prazo são positivas, uma vez que os custos continuam em queda e as oportunidades de exportação para a Ásia, particularmente o Vietnã e a China, continuarão fortes (**Tabelas 1 e 2**).
- **Pecuária:** a produção brasileira de carne bovina, aves e suína continuará a crescer de forma constante em 2018 e 2019, apesar dos percalços causados pela greve dos caminhoneiros, do início de 2018, e alegações contínuas de corrupção no serviço de inspeção de carne do país. A forte demanda de exportação da Ásia, do Oriente Médio e do norte da África impulsionará o crescimento do setor, a curto e longo prazos. Estima-se que o Brasil continuará sendo o maior exportador mundial de carnes de aves e o segundo maior exportador de carne bovina (a produção e exportação de carne suína, embora crescendo, ainda é uma indústria relativamente pequena para o Brasil). Estima-se que a produção de carne bovina, suína e suína aumente 2,2%, em 2018 e 2,7%, em 2019, com uma produção estimada ao redor de 13,4 milhões, 9,9 milhões e 3,7 milhões de toneladas, respectivamente, em 2018. A produção de carnes bovina, suína e de aves vai acelerar até 2022, impulsionada pela desvalorização do Real, pela demanda persistente dos mercados externos mencionados acima e custos de produção competitivos (**Tabelas 6 e 7**).
- **Café:** o crescimento médio da produção de café é estimado em 1,5%, ano a ano, de 2018 a 2022, para cêrca de 59,87 milhões de sacas de 60kg. Embora os níveis de crescimento sejam modestos, a produção permanecerá lucrativa, já que a desvalorização do Real favorece as exportações, apesar das estimativas de que os preços globais permaneçam sob contrôle nos próximos anos. Entretanto, os custos de produção tenderão a aumentar devido as importações de insumos, principalmente.

As estimativas de produção, consumo, comércio e riscos para o **setor de grãos**, estão resumidas nas **Tabelas 1 e 2**.

**Tabela 1:** Estimativas de produção, consumo, comércio e riscos para o setor de grãos (2018-2022).

Itens	Previsão de crescimento 2018-2022	Perspectivas
Produção	Soja: 1,7%	Soja: Crescimento positivo ainda limitado para 2021/22, dada a escassez de área disponível para expansão, bem como elevadas produtividades e uso de sementes geneticamente modificadas. O impulsionador do crescimento serão novas sementes que levem a melhores rendimentos. O milho permanecerá secundário à soja em termos de crescimento nos próximos cinco anos, e a maior parte desse crescimento será devida a efeitos de base. A contração na produção de trigo se deve principalmente aos efeitos de base, seguindo o clima adverso e gelado do ano.
	Trigo: -2,5%	
	Milho: 0,5%	
Consumo	Soja: 1,6%	O forte crescimento da produção de aves e suínos estimulará o crescimento da demanda da soja, que é usada para rações. As sólidas perspectivas de crescimento para a indústria pecuária doméstica vão impulsionar o consumo de milho. Até 2022, estima-se que uma classe média em crescimento e uma população crescente aumentará a demanda por produtos à base de trigo e milho, bem como maiores quantidades de carne, particularmente carne de porco e aves.
	Trigo: 0,3%	
	Milho: 2,5%	
Comércio		Soja: a demanda chinesa de importação permanecerá estável até 2021/22, à medida que o país importa mais de sete vezes a sua produção doméstica. O Brasil continuará focando a Ásia para o crescimento futuro das exportações durante os próximos anos. Prevê-se que as medidas judiciais dos EUA contra a China oferecerão oportunidades para as exportações brasileiras de milho para esse país. Adicionalmente, a retirada pela administração Trump da Parceria Trans-Pacífico (TPP) manterá a competitividade do Brasil em relação aos EUA no mercado asiático.
Riscos	Curto Prazo	Soja: riscos superficiais a curto prazo decorrentes de um possível evento de La Niña em 2018. A greve nacional de caminhoneiros em protesto aos altos preços do diesel prejudicou a produção no segundo trimestre de 2018, podendo potencialmente afetar o plantio e a própria safra de 2019. Carnes: o Brasil e outros países do MERCOSUL estão em meio a negociações comerciais com a União Europeia no intuito de obter melhores quotas tarifárias para exportações de carne. Uma negociação bem sucedida poderia impulsionar a demanda para milho e soja no setor pecuário nacional.
	Longo Prazo	Soja: os produtores encontram dificuldades em aumentar a área plantada. O Brasil depende de importações para a maioria de suas necessidades de fertilizantes, e uma queda sustentada no Real oneraria ainda mais os custos de produção, o que reduziria o crescimento da produção. Pecuária: desaceleração na indústria da pecuária poderia reduzir a demanda por grãos, especialmente milho. As negociações comerciais em curso entre os membros do NAFTA poderiam terminar de forma acrimoniosa. Restrições comerciais entre os EUA, Canadá e México proporcionaria um impulso súbito às exportações brasileiras, uma vez que se espera que o México se volte para a América Latina.

Fonte: Fitch Solutions (2018b)

**Tabela 2:** Estimativas da produção e consumo de grãos (2016-2022)

Indicadores	2016	2017	2018	2019	2020	2021	2022
Soja: produção (000 t)	96.500,0	114.100,0	117.000,0	117.000,0	119.340,0	121.726,8	124.161,3
Soja: produção (% ano a ano)	-0,7	18,2	2,5	0,0	2,0	2,0	2,0
Soja: consumo (000 t)	43.047,0	44.300,0	46.515,0	46.980,1	47.450,0	47.877,0	48.164,3
Soja: consumo (% ano a ano)	-1,3	2,9	5,0	1,0	1,0	0,9	0,8
Milho: produção (000 t)	67.000,0	98.500,0	87.000,0	96.000,0	98.532,0	98.889,0	99.653,0
Milho: produção (% ano a ano)	-21,2	47,0	-11,7	10,3	2,6	0,4	0,8
Milho: consumo (000 t)	57.500,0	60.500,0	62.012,5	65.485,2	66.271,0	67.463,9	68.340,9
Milho: consumo (% ano a ano)	0,9	5,2	2,5	5,6	1,2	1,8	1,3
Trigo: produção (000 t)	5.540,0	6.730,0	4.264,0	4.900,0	5.100,0	5.253,0	5.366,0
Trigo: produção (% ano a ano)	-7,7	212,5	-36,6	14,9	4,1	3,0	2,2
Trigo: consumo (000 t)	11.100,0	12.200,0	12.004,8	12.160,9	12.270,3	12.350,1	12.387,1
Trigo: consumo (% ano a ano)	3,7	9,9	-1,6	1,3	0,9	0,7	0,3

Fonte: Fitch Solutions (2018b)

RaboResearch Food and Agribusiness (2018a), utilizando informações quantitativas e qualitativas próprias e de fontes brasileiras, apresenta as seguintes estimativas relacionadas à economia nacional e aos principais produtos do agronegócio, para 2018:

- **Soja:** estimativa de que o Brasil cultive 36,7 milhões de hectares na safra 2018/19, acima dos 35,1 milhões de hectares da safra 2017/2018 - um novo recorde. A estimativa é de que a nova safra atinja 118 milhões de toneladas, embora ainda seja cedo para estimar com mais precisão a nova safra, especialmente devido a incertezas com o desenvolvimento do clima.
- **Milho:** após uma temporada decepcionante em termos de produção e consumo interno no Brasil, estima-se uma concentração das exportações de milho no quarto trimestre de 2018.
- **Algodão:** impulsionado pelos resultados positivos da safra 2017/18 e pela perspectiva de margens mais altas em comparação com outras culturas, a área plantada de algodão no Brasil deve aumentar em 20% e atingir 1,4 milhão de hectares na safra 2018/19.
- **Café:** preços no patamar mais baixo desde 2006. No entanto, a alta demanda e a próxima safra brasileira de 2018/19, juntamente com limitações climáticas em alguns países produtores asiáticos, devem aumentar as cotações até o final deste ano.
- **Carne bovina:** após drástica diminuição em junho de 2018 (devido aos impactos adversos que se seguiram à greve dos caminhoneiros, em fins de maio) as exportações brasileiras de carne bovina se recuperaram em julho e agosto. Como resultado, as exportações de carne bovina aumentaram em 10% durante os primeiros oito meses de 2018, em relação a 2017. Hong Kong continua sendo o principal destino internacional das exportações brasileiras de carne bovina, tendo adquirido nos primeiros 8 meses de 2018 cerca de 250 mil toneladas de produto, um incremento de 17%, em relação ao mesmo período de 2017. No mercado doméstico, a previsão é de um incremento de cerca de 2% no consumo interno de carne bovina, em relação a 2017.
- **Leite:** altos custos de produção devem reduzir a produção em aproximadamente 1,0%, no 4º trimestre, o que também representará uma produção 1,0% inferior à de 2017.
- **Cana, açúcar e etanol:** uma alta nos contratos futuros de açúcar foi interrompida após a ameaça de aumento das exportações indianas. Com um fechamento antecipado esperado para a colheita de 2018, os estoques recordes atuais de etanol devem começar a cair, levando a um aumento sazonal dos preços ao final deste ano.

### 3. MATRIZ SWOT-BRASIL

Fitch Solutions (2018b), fundamentada em análises qualitativas próprias, elaborou uma matriz SWOT da agricultura brasileira. Uma análise de suas narrativas, particularmente no relacionado ao delicado tema de levantar as fraquezas do agronegócio nacional, denotam certa insegurança, incerteza e até inconfiabilidade no planejamento e controle das produções agrícolas brasileiras. Essa insegurança nos detalhes que podem afetar todas as projeções de crescimento e expansão do setor com vistas a expandir sua penetração no mercado externo de países desenvolvidos, é visível na descrição das fraquezas do setor. Infra-estrutura viária precária e envelhecida, altamente dependente do transporte rodoviário, vis-a-vis a recente greve dos caminhoneiros, alto nível de endividamento dos produtores nacionais, condições não ideais sanitárias e fitossanitárias, seguindo os padrões exigidos pelos mercados globais, por exemplo, são destacados (**Tabela 3**).

**Tabela 3: Matriz SWOT da agricultura brasileira**

Forças	<ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Com vasta área de terras improdutivas e variedade de climas, o Brasil é naturalmente adequado para uma maior expansão da produção agrícola e uma diversificada gama de produtos.</li> <li>➤ A grande população brasileira fornece uma oferta abundante de mão-de-obra, com salários relativamente baixos em relação aos países desenvolvidos.</li> <li>➤ Desde a década de 1980, o governo reduziu substancialmente seu papel na agricultura, liberando os mercados e privatizando empresas estatais.</li> </ul>
Fraquezas	<ul style="list-style-type: none"> <li>➤ O estado precário da infra-estrutura fora dos grandes centros populacionais torna a expansão da produção mais difícil e prejudica a competitividade, devido ao aumento dos custos.</li> <li>➤ Taxas de juros altas tornam o empréstimo caro, restringindo o acesso ao crédito.</li> <li>➤ Há um elevado nível de endividamento entre os produtores brasileiros, restringindo o investimento na melhoria da produção.</li> <li>➤ A ausência de controles mais adequados no combate a pragas e doenças, bem como padrões mais exigentes sanitários e fitossanitários, deixam a agropecuária brasileira vulnerável a surtos de pragas e doenças, limitando o comércio internacional.</li> </ul>
Oportunidades	<ul style="list-style-type: none"> <li>➤ A crescente demanda internacional por fibras e grãos tende a incentivar exportações para o vibrante mercado externo.</li> <li>➤ Os rendimentos em muitos setores ainda são baixos para os padrões internacionais, deixando muito espaço para melhorias.</li> <li>➤ A proibição da Rússia de importações agrícolas selecionadas por dois anos a partir de agosto de 2014 proporcionará oportunidades para Exportações brasileiras, particularmente no setor de carnes.</li> <li>➤ A desvalorização da moeda nacional (Real) incentivará as exportações de produtos agrícolas.</li> <li>➤ O governo brasileiro está procurando reduzir os obstáculos e restrições às compras externas de produtos agrícolas e terra no país. Isto poderia atrair investimentos estrangeiros e apoiar um crescimento mais significativo do agronegócio brasileiro.</li> <li>➤ Decisões políticas do governo dos EUA em relação a elevar taxas e sobretaxas comerciais a determinados mercados internacionais poderão ser motivo de possíveis oportunidades adicionais para as exportações agrícolas brasileiras. Em relação à Ásia, a retirada pela administração Trump da Parceria Trans-Pacífico talvez favoreça a ampliação das exportações brasileiras para esses mercados.</li> <li>➤ Entretanto, essas oportunidades tem de ser analisadas com cautela pois existe sim a possibilidade concreta desses países entrarem em acordo com os EUA e incrementarem suas compras com este país, como foi o caso da União Européia que passou a considerá-lo o maior fornecedor de soja para aquela região, em detrimento do Brasil.</li> </ul>
Ameaças	<ul style="list-style-type: none"> <li>➤ A expansão da agricultura para novas áreas ameaça colocar a indústria em conflito com grupos ambientalistas e conservacionistas.</li> <li>➤ O clima econômico ruim provavelmente ameaçará os fluxos de investimentos.</li> <li>➤ pragas e doenças e falta de controles sanitário e fitossanitário adequados, são ameaças sempre presentes na agropecuária, sendo as mais afetadas as culturas do cacau, o café, a soja e a pecuária como um todo.</li> <li>➤ O Real desvalorizado frente a outras moedas tornará certos insumos agrícolas importados mais caros.</li> <li>➤ Tentativas por parte de alguns estados brasileiros de introduzir impostos de exportação sobre grãos indicam os crescentes riscos de políticas adversas para o setor agrícola, à medida que estes tentam compensar as receitas fiscais mais baixas.</li> </ul>

Fonte: Fitch Solutions (2018b)

## 4. DESTAQUES DO SETOR AGRÍCOLA

### 4.1. GRÃOS

#### 4.1.1. SOJA:

- Plantio da safra 2018/19 iniciado em meados de setembro. Estima-se uma nova área recorde - 36,7 milhões de hectares, acima dos 35,1 milhões de hectares cultivados da safra 2017/18. Embora seja relativamente cedo para prever os níveis de produção, especialmente dadas algumas incertezas sobre o desenvolvimento do clima nos próximos meses, a produção total deverá chegar a 118 milhões de toneladas. De janeiro a agosto de 2018, as exportações brasileiras de soja alcançaram 64,5 milhões de toneladas, acima dos 56,9 milhões de toneladas no mesmo período do ano passado (RaboResearch Food & Agribusiness, 2018a).
- Para a safra 2018/19, os produtores nacionais priorizarão o cultivo da soja, em detrimento ao milho, devido, principalmente às perspectivas financeiras superiores. Estima-se uma produção de 117,0 milhões de toneladas (Fitch Solutions, 2018b), ou, 118 milhões de toneladas

(RaboResearch Food and Agribusiness, 2018a). Para o período 2018 a 2022, estimam-se safras de soja com a média anual de 124,1 milhões de toneladas (Fitch Solutions, 2018b). As estimativas se fundamentam na robusta demanda de importação da China, até 2022. Um declínio nos preços internacionais poderia potencialmente prejudicar o crescimento da produção nos próximos cinco anos (Fitch Solutions, 2018b) (**Figura 2**).



Fonte: BMI (2018b)

**Figura 2:** Exportações anuais de soja - China x outras destinações (milhões de ton): 2008 a 2017

#### 4.1.2. MILHO:

- Segundo a narrativa da BMI (2018a), o recorde da produção de milho ocorreu na safra 2016-2017, derrubando preços e provocando intervenção do governo. Os produtores nacionais responderam às restrições financeiras, reduzindo o investimento para a temporada 2017/2018, o que causou a retração de área cultivada. As perspectivas de longo prazo são positivas, uma vez que os custos continuam caindo e as oportunidades de exportação para a Ásia, particularmente o Vietnã e a China, permanecem fortes. A produção brasileira de milho em 2016/2017 foi de 98,5 milhões de toneladas, um aumento substancial de 47,0% em relação a 2015/2016.
- De acordo com RaboResearch Food & Agribusiness (2018), a safra 2017/18 ficou abaixo do esperado em termos de produção de milho no Brasil. Durante a safra de verão, o Brasil teve sua menor área na história e na safra (safrinha) os rendimentos foram impactados devido a atrasos no plantio e problemas climáticos em algumas regiões produtoras importantes. Como consequência, estima que a produção brasileira de milho atinja apenas 83 milhões de toneladas na temporada 2017/18, 15% menor do que em 2016/17. Por outro lado, a demanda doméstica de milho também pode decepcionar este ano. Identicamente, a indústria brasileira de proteína animal passou por dificuldades como as restrições de acesso a mercados importantes que afetaram as exportações e reduziram a produção devido à indisponibilidade de ração durante a greve dos caminhoneiros. Como resultado, estima-se que o consumo interno de milho no Brasil caia de 57,2 milhões de toneladas na temporada 2016/17, para 56 milhões de toneladas em 2017/18.

- RaboResearch Food & Agribusiness (2018a) estima as exportações brasileiras de milho em 27 milhões de toneladas, na safra 2016/17. Mencionando dados do MDIC, de fevereiro a agosto, o Brasil exportou 6,2 milhões de toneladas de milho, 33% a menos que no mesmo período do ano passado. No Brasil, a principal janela de exportação de milho geralmente vai de agosto a outubro (40% a 50% das exportações de milho). No entanto, dada a guerra comercial entre os EUA e a China, fortes volumes de exportação de soja no período podem potencializar as exportações de milho para o último trimestre de 2018.
- A greve dos caminhoneiros reduziu drasticamente o comércio de grãos uma vez que causou enormes danos ao país e ao agronegócio para este ano. Se as tarifas mínimas de frete estabelecidas pelo governo forem repassadas integralmente para os preços do milho nas principais regiões produtoras, os preços poderão cair até 30% nos próximos meses, dependendo da distância da fazenda aos silos de armazenagem de grãos - com base nos valores de agosto de 2018 e nos custos de frete históricos do segundo semestre (Fitch Solutions, 2018b, e RaboResearch Food & Agribusiness, 2018a).
- Para 2022, prevê-se um crescimento moderado na produção de milho, comparado aos períodos anteriores. É prevista fraca demanda internacional nas próximas duas temporadas, já que a China atualmente possui estoques recordes de milho e é improvável que continue a impulsionar a demanda aos mesmos níveis anteriores. Entretanto e apesar dos menores superávits de milho nos próximos anos, prevê-se que o Brasil terá excelentes oportunidades de exportação, particularmente para países da Ásia, uma vez que o Real depreciado manterá os valores de exportação em níveis atrativos para os importadores asiáticos, até 2022. O Vietnã é o maior importador de milho brasileiro, com 4,8 milhões de toneladas em 2015, um nível que ganhou após um aumento espetacular nas importações desde 2012. Isso se deve ao Vietnã exportar parte de sua produção de milho para a China, apesar de ser um importador líquido, importando assim milho extra do Brasil para preencher essas lacunas. Desde que a BMI (2018b) projetou que a China tenha déficits de produção de milho de 2018 até 2022, prevê-se que as exportações brasileiras provavelmente serão um substituto para as advindas do Vietnã. Nesse sentido, conclui-se que o comércio chinês significará um impulso adicional às exportações brasileiras de milho nos próximos anos (Fitch Solutions, 2018b) (**Figura 3**).



Fonte: Fitch Solutions (2018b)

**Figura 3:** Quantidade exportada de milho (000 ton) versus valores em US (000)



## 4.2. PECUÁRIA DE CORTE

O setor pecuário brasileiro continuará a crescer de forma constante em 2018 e 2019, apesar de eventos recentes que expõem deficiências estruturais no setor: (a) movimento de greve dos caminhoneiros que protestaram contra os altos preços dos combustíveis, interromperam grandes cadeias de fornecimento, incluindo carne bovina, frangos e suínos, paralisando o comércio e escancarando a dependência excessiva do Brasil no transporte rodoviário de mercadorias; (b) uma investigação federal sobre o suposto encobrimento da presença de salmonela em aves domésticas brasileiras, após a rejeição na Europa de embarques, entre abril e junho de 2018, incidente que colocou em evidência a fragilidade do serviço de inspeção de carnes do país. Este evento ocorreu não muito depois de outro grave incidente (carne fraca) quando 21 empresas de carnes foram acusadas de subornar funcionários do governo para aprovar as vendas e exportações de carne bovina e frango, apesar da possibilidade de contaminação (Fitch Solutions, 2018a).

Igualmente e de acordo com observações da OECD (2017), as exportações brasileiras de produtos cárneos dependem do país manter os padrões globais exigidos para sanidade e fitossanidade. Após recentes irregularidades na certificação de carne, o Ministério da Agricultura tomou medidas para garantir a segurança e a qualidade dos produtos de origem animal, embora seja incerto qual o impacto sobre as exportações brasileiras. Esforços do governo para obter o status de livre de febre aftosa impactarão positivamente as exportações e o comércio da indústria de carnes (OECD, 2017).

De acordo com RaboResearch Food & Agribusiness (2018a), entretanto, os fortes mercados de exportação e o declínio sazonal no fornecimento de gado estão fornecendo as bases para a melhoria dos preços do gado no Brasil, ao final do terceiro trimestre de 2018. As exportações brasileiras de carnes, após terem diminuído drasticamente em junho de 2018 (devido aos impactos adversos que se seguiram à greve dos caminhoneiros em fins de maio), se recuperaram em julho e agosto. Como resultado, as exportações de carne bovina aumentaram em 10% durante os primeiros oito meses de 2018. Hong Kong continua sendo o principal destino internacional das exportações brasileiras de carne bovina, comprando cerca de 250 mil toneladas, um aumento de cerca de 17%, comparado aos oito primeiros meses de 2017. A China, segundo maior comprador de carne bovina brasileira, aumentou suas importações em 49%, na mesma comparação. Além disso, prevê-se que as exportações brasileiras de carne bovina continuem a manter um crescimento relevante no terceiro e quarto trimestres de 2018, em comparação com 2017.

No mercado doméstico, há incertezas quanto às perspectivas para a economia no segundo semestre de 2018. Apesar dos desafios, as perspectivas para o consumo de carne no Brasil em 2018 ainda são positivas. Vale ressaltar que o consumo está melhorando gradativamente em nível inferior devido à recente recessão (2014-16). Os números preliminares mostraram que, em 2017, o consumo local de carne bovina já aumentou cerca de 1% em relação a 2016, e espera-se um aumento adicional de cerca de 2% em 2018 (RaboResearch Food & Agribusiness, 2018a) (**Tabelas 4 e 5**).

**Tabela 4:** Previsão de crescimento da produção, consumo, comércio e riscos no mercado de carnes (2018-2022)

Itens	Previsão de crescimento 2018-2022	Perspectivas
Produção	Carne bovina: 1,7%	O crescimento da produção de carne bovina se fortalecerá com o aumento da demanda internacional, enquanto os produtores de carne bovina serão beneficiados por mercados de exportação crescentes.
	Carne de frango: 2,9%	
	Carne suína: 1,8%	
Consumo	Carne bovina: 2,0%	Consumo de aves no Brasil superará o desempenho geral do complexo pecuário nos próximos anos, particularmente a carne bovina, mais afetada pelo ambiente econômico desfavorável.
	Carne de frango: 3,1%	
	Carne suína: 2,4%	
Comércio		Crescimento acentuado das exportações brasileiras de carne bovina nos próximos anos, com a Ásia sendo o principal mercado.
Riscos	Curto Prazo	Questões de segurança apresentarão riscos negativos ao comércio. Os surtos de febre aftosa ou BSE, bem como o uso extensivo de aditivos para ração, limitariam as perspectivas de exportação do país. Até agora, o escândalo da "carne-fraca" ainda apresenta resquícios que podem prejudicar o consumo externo de carne bovina. Uma escalada do escândalo poderia limitar o consumo interno e o potencial de exportação, à medida que os consumidores substituem por outras carnes.
	Longo Prazo	Restrições à expansão física podem prejudicar o crescimento da produção. A incorporação de novas áreas de pastagem sem expandir para a Amazônia exigirá a exploração de parcelas existentes com mais eficiência.

Fonte: Fitch Solutions (2018b)

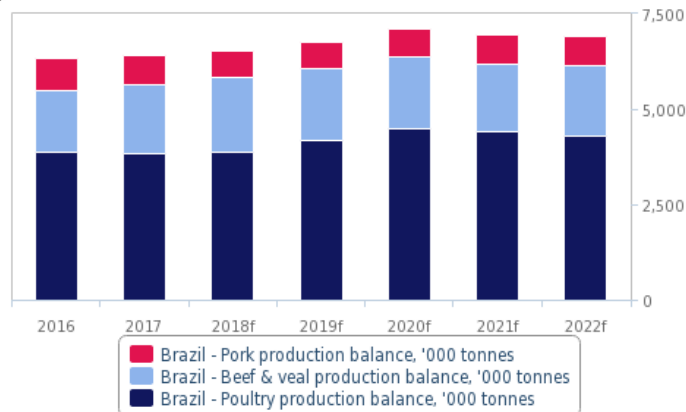
**Tabela 5:** Estimativas da produção e consumo de carnes (2016-2022).

Indicadores	2016	2017	2018	2019	2020	2021	2022
Carne de aves: produção ('000 tons)	12.910,0	13.150,0	13.375,0	13.998,0	14.650,0	14.899,0	15.131,0
Carne de aves: produção (%) ano a ano	-1,8	1,9	1,7	4,7	4,7	1,7	1,6
Carne de aves: consumo ('000 tons)	9.024,0	9.306,0	9.501,4	9.815,0	10.158,5	10.492,8	10.818,1
Carne de aves: consumo (%) ano a ano	-3,1	3,1	2,1	3,3	3,5	3,3	3,1
Carne de suínos: produção ('000 tons)	3.700,0	3.725,0	3.770,0	3.862,0	3.945,0	4.006,0	4.080,0
Carne de suínos: produção (%) ano a ano	5,1	0,7	1,2	2,4	2,1	1,5	1,8
Carne de suínos: consumo ('000 tons)	2.870,0	2.941,0	3.052,8	3.135,2	3.204,2	3.259,9	3.313,7
Carne de suínos: consumo (%) ano a ano	-0,8	2,5	3,8	2,7	2,2	1,7	1,7
Carne bovina: produção ('000 tons)	9.284,0	9.550,0	9.900,0	9.987,0	10.156,0	10.233,0	10.399,0
Carne bovina: produção (%) ano a ano	-1,5	2,9	3,7	0,9	1,7	0,8	1,6
Carne bovina: consumo ('000 tons)	7.652,0	7.750,0	7.936,0	8.110,6	8.272,8	8.438,3	8.573,3
Carne bovina: consumo (%) ano a ano	-1,7	1,3	2,4	2,2	2,0	2,0	1,6

Fonte: Fitch Solution (2018b)

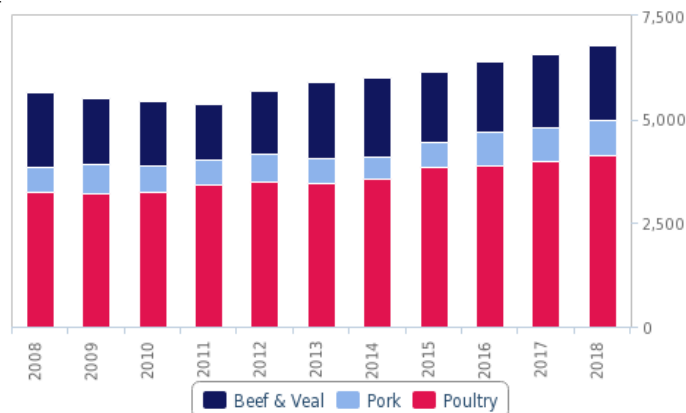
#### 4.2.1. Destaques

- A produção de carnes bovina, suína e de aves continuará a aumentar até 2022, período de análise, para 10,4 milhões, 4,0 milhões e 15,1 milhões de toneladas, respectivamente. O crescimento está sendo impulsionado pelo acréscimo de demanda de importação da Ásia. Fitch Solutions (2018) projeta que o consumo de aves atinja 10,8 milhões de toneladas em 2022, um crescimento de 16,2%, em relação a 2017, enquanto carne suína e bovina atingirão 3,3 milhões de toneladas e 8,5 milhões de toneladas, respectivamente, um crescimento de 12,7% e 10,6%, em relação a 2017.
- Até 2022, a produção brasileira de carne será impulsionada pelas exportações. Demandas da Ásia e do Oriente Médio continuarão fortes, enquanto a interna se recupera da recessão econômica do país. Custos inferiores de rações animais impulsionarão a competitividade das exportações brasileiras, em 2018/2019. Superávits de produção de carnes de aves, suínos e bovinos continuarão crescendo para cerca de 4,3 milhões de toneladas, na produção de aves de corte, 0,76 milhão de toneladas na produção de suínos, e 1,8 milhão de toneladas para bovinos, até 2022. A demanda global continuará a crescer devido a mudanças na dieta nas economias emergentes (BMI, 2018b) (Figuras 5 e 6).



Fonte: Fitch Solutions (2018b)

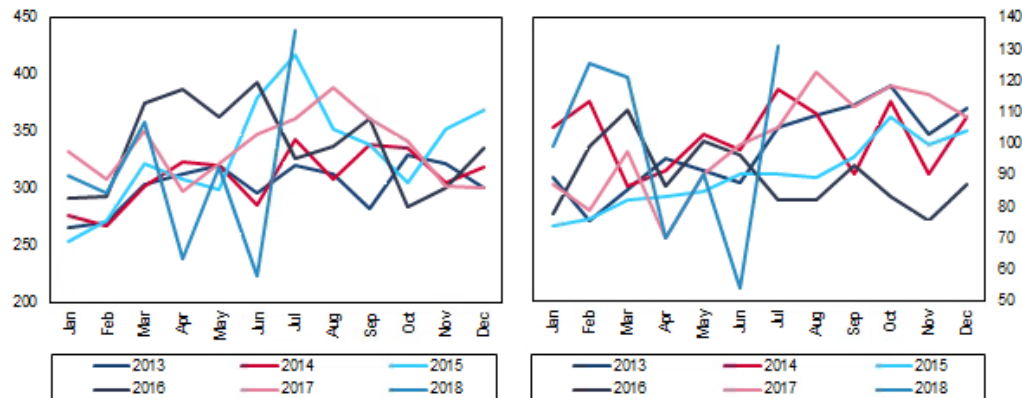
**Figura 5:** Superávits da produção pecuária brasileira (000 toneladas)



Fonte: Fitch Solutions (2018b)

**Figura 6:** Exportações por tipo de carnes, 2008-2018 ('000 toneladas)

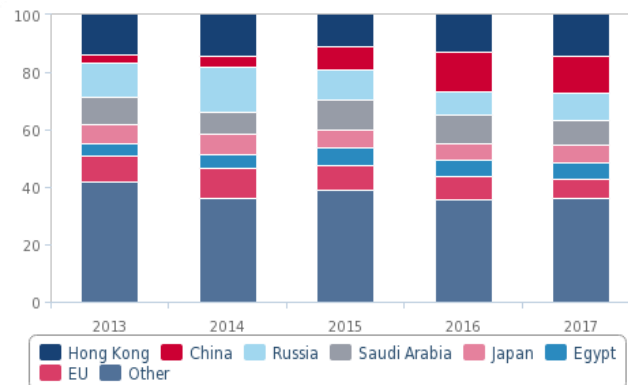
- As exportações brasileiras de carnes de frango e bovina aumentaram em julho após o fim da greve dos caminhoneiros. Os volumes de exportação provavelmente continuarão em níveis semelhantes aos dos anos anteriores. As exportações de carne bovina chegaram a 692.000 toneladas, entre janeiro e julho de 2018, acima das 629.000 toneladas, no mesmo período de 2017. As exportações de carnes de aves também aumentaram. O aumento nas exportações de julho é resultado de embarques anteriormente acumulados nos portos que estão chegando ao mercado (**Figura 7**).



Fonte: Fitch Solutions (2018a)

**Figura 7:** Exportações mensais de carnes de aves (direito) e bovina (esquerdo) - ('000 tons) - 2013/18

- O Brasil recuperou o acesso à maioria de seus principais mercados de exportação para carnes, após as proibições temporárias de exportação postas em prática quando do escândalo da "Carne Fraca". A proibição de importações da UE, embora provavelmente restrinja as exportações brasileiras ao bloco, é apenas um pequeno mercado de exportação para o Brasil, responsável por 6,8% do valor de exportação de carnes em 2017. A demanda por produtos pecuários brasileiros é impulsionada principalmente pela Ásia, Oriente Médio e Norte da África, e são considerados mercados chave para o Brasil no longo prazo. China e Hong Kong, que juntos representaram 22,2% do valor das exportações brasileiras em 2017, estão aumentando sua participação nas importações brasileiras. Rússia, Arábia Saudita, Japão e Egito também são destinos importantes (**Figura 8**).



Fonte: Fitch Solutions (2018a)

**Figura 8:** Exportações brasileiras por regiões (% valor total)

- A intensificação das tensões comerciais entre os EUA e a China terão impacto mínimo para o Brasil: a tarifa chinesa de 25% imposta à carne bovina dos Estados Unidos em 6 de julho, e a tarifa de 25% imposta à carne suína em 2 de abril, trarão benefícios mínimos para o Brasil. Embora a tarifa da carne bovina reduza as exportações dos Estados Unidos para a China, especialmente carne bovina congelada (as importações chinesas de carne fresca/resfriada são atualmente dominadas pela Austrália), há pouco espaço para o Brasil compensar a folga. Os EUA representaram apenas 0,7% do valor da importação de carne bovina congelada da China em 2017 (Fitch Solutions, 2018b).
- Estima-se que o Brasil exporte mais de 4,15 milhões de toneladas de carne de aves, 1,82 milhão de toneladas de carne bovina e 830 mil toneladas de carne suína, devido à forte demanda dos países em desenvolvimento (Fitch Solutions, 2018b).

### 4.3. PECUÁRIA LEITEIRA

A produção interna de leite se recuperou em junho e julho, após uma forte contração em maio, durante a greve dos caminhoneiros. Inicialmente, os relatórios indicaram que muitos agricultores estavam lutando para manterem os animais alimentados, o que causou preocupações em relação às condições dos animais durante o restante do período de lactação. No entanto, o impacto real sobre as matérias-primas foi menor do que o inicialmente relatado e a produção se recuperou rapidamente em junho, levando a contração do segundo trimestre de 2018 para apenas 3%.

Apesar do crescimento observado em julho e agosto, impulsionado principalmente pelos preços mais altos do leite, a produção no terceiro trimestre deve terminar em cerca de 2% a menos do que no mesmo período de 2017. Os níveis de produção comparáveis do ano passado são altos e os agricultores ainda estão enfrentando altos custos de rações, que se aceleraram após a desvalorização do Real nos últimos meses. Em termos de comércio, as importações continuam sendo afetadas pela fraca demanda interna e pela desvalorização do Real. As importações caíram 28% em volume nos primeiros oito meses do ano. As exportações tiveram um desempenho ainda mais fraco até agora, com uma queda de 50% em termos de volume, o que ajudou a expandir o déficit comercial global (RaboResearch Food & Agribusiness, 2018a, Fitch Solutions 2018b).

#### 4.3.1. Destaques (Tabelas 6 e 7)

- Estima-se que a produção de leite brasileira cresça em 2018, uma vez que a rentabilidade melhorou drasticamente devido ao declínio dos preços do milho para rações. Consequentemente, projeta-se um crescimento anual estável para a produção de manteiga e queijo, com previsões de evolução para a produção de manteiga de cerca de 1,2%, anualmente, para 85.000 toneladas e 1,0% a produção de queijo, para 780 mil toneladas, em 2018. A extensão da proibição de importação russa da UE, dos EUA e de outros países para além de agosto de 2016 proporcionará um estímulo ao crescimento da exportações brasileiras, depois do acesso ao mercado russo, em 2014. Além disso, o recente acesso ao mercado chinês é susceptível de fornecer mais apoio à indústria de laticínios brasileira, estimulando as exportações. Para 2021/22, estima-se um aumento na produção doméstica de manteiga e queijo e que tenham como alvo novos mercados de exportação (Fitch Solutions, 2018b).
- Estima-se crescimento sólido no consumo de lácteos em 2018, à medida que as perspectivas econômicas ruins melhorem e também porque o consumo de leite in-natura e produtos lácteos processados no Brasil é bastante baixo pelos padrões de mercado desenvolvidos. Nos próximos anos, o aumento da renda e infra-estrutura melhorada propiciará que produtos lácteos estejam ao alcance de maior parte da população. Adicionalmente, empresas locais estão inovando e lançando queijos de valor agregado que copiam os estilos europeus. Até 2022, projeta-se que o crescimento do consumo em termos percentuais superará o da produção (Fitch Solutions, 2018b).

- Ganhos de eficiência e aumento da demanda impulsionarão a produção brasileira de lácteos durante o período de análise (2018-2022). A demanda brasileira deverá crescer fortemente como o consumo de leite in-natura e produtos lácteos processados o qual no Brasil é bastante baixo pelos padrões de mercados desenvolvidos. Em particular, o consumo de queijos continuará a evoluir devido ao aumento da demanda da indústria de fast-food e sua maior acessibilidade.
- A produção de leite se recuperou das secas severas da temporada 2015/2016. No entanto, o crescimento da produção em 2017 permaneceu modesto por causa da redução de 5% no rebanho leiteiro que ocorreu durante os anos de seca (BMI, 2018a).

**Tabela 6:** Estimativas de produção, consumo, comércio e riscos para os produtos lácteos (2018-2022).

Itens	Previsão de crescimento 2018-2022	Perspectivas
Produção	Leite in-natura: 2,4%	Ganhos de eficiência no setor de laticínios e crescentes oportunidades de exportação aumentarão a produção.
	Manteiga: 1,4%	
	Queijos: 2,3%	
Consumo	Leite in-natura: 1,3%	A disseminação do varejo moderno, do sul mais rico para o norte e nordeste impulsionar a venda de produtos lácteos no médio prazo.
	Manteiga: 1,85%	
	Queijos: 2,8%	
Comércio		O acesso recente aos mercados russo e chinês aumentará as oportunidades de exportação.
Riscos	Curto Prazo	Problemas de segurança fornecem riscos negativos ao consumo. Surtos de febre aftosa ou BSE podem prejudicar o crescimento do consumo de leite líquido. A greve dos caminhoneiros do segundo trimestre de 2018 poderia potencialmente prejudicar a produção e o comércio relacionado aos laticínios.
	Longo Prazo	A melhoria da produtividade pode aumentar os níveis de produção. Se os agricultores brasileiros conseguirem elevar os rendimentos médios para um terço do nível alcançado nos EUA, a produção provavelmente superaria nossas previsões consideravelmente.

Fonte: Fitch Solutions (2018b)

**Tabela 7:** Estimativas de produção e consumo de produtos lácteos (2016-2022)

Indicadores	2016	2017	2018	2019	2020	2021	2022
Leite: produção total ('000 toneladas)	25.857,0	26.887,0	27.257,0	28.074,7	28.917,0	29.639,9	30.292,0
Leite: produção total - evolução (%) ano a ano	0,8	4,0	1,4	3,0	3,0	2,5	2,2
Leite in-natura: consumo ('000 toneladas)	9.600,0	10.000,0	10.100,0	10.271,7	10.384,7	10.519,7	10.656,4
Leite in-natura: consumo – evolução ano a ano	0,3	4,2	1,0	1,7	1,1	1,3	1,3
Manteiga: produção ('000 toneladas)	82,0	84,0	85,0	86,0	87,0	89,0	90,0
Manteiga: produção – evolução (%) ano a ano	-1,2	2,4	1,2	1,2	1,2	2,3	1,1
Manteiga: consumo ('000 toneladas)	89,0	91,0	92,8	94,7	96,1	98,0	99,7
Manteiga: consumo - evolução (%) ano a ano	6,0	2,2	2,0	2,0	1,5	2,0	1,7
Queijos: produção ('000 toneladas)	745,0	772,0	780,0	801,0	814,0	840,0	865,2
Queijos: produção – evolução (%) ano a ano	-1,2	3,6	1,0	2,7	1,6	3,2	3,0
Queijos: consumo ('000 toneladas)	785,0	802,0	817,2	839,7	864,8	891,6	921,1
Queijos: consumo – evolução (%) ano a ano	1,6	2,2	1,9	2,8	3,0	3,1	3,3

Fonte: Fitch Solutions (2018b)

#### 4.4. CAFÉ

Segundo as estimativas da RaboResearch Food & Agribusiness (2018a), a safra brasileira de café 2018/19 está chegando ao fim com uma colheita estimada em 56,8 milhões de sacas. Essa safra recorde terá uma excelente qualidade, por causa do clima mais seco de março a agosto, o que contribui para os processos pós-colheita. A safra 2019/20 deve ser menor devido ao próximo ciclo. Chuvas recentes provocaram a floração precoce em algumas regiões do Sul de Minas e Alta Mogiana. Aparentemente, esta floração teve um baixo impacto na produção.

As exportações brasileiras de café se recuperaram após a greve dos caminhoneiros nacionais em maio. O Brasil exportou 20,5 milhões de sacas em 2018 (até agosto), um aumento de 4,5%, em relação à safra anterior. Seguindo essa tendência, as exportações brasileiras podem chegar a 31 milhões de sacas. RaboResearch Food and Agribusiness (2018a) estima um superávit de 4,7 milhões de sacas para a safra 2018/19.

Os preços do café caíram significativamente em 2018. Além da grande safra brasileira e das posições vendidas para fundos não comerciais, a desvalorização cambial nos países produtores teve um impacto negativo nos preços. Os preços de curto prazo devem permanecer voláteis devido à flutuação cambial (eleições brasileiras e guerra comercial China-EUA). Para os preços de longo prazo, uma recuperação é provavelmente devida às próximas condições brasileiras de clima mais seco e fora do ciclo na Indonésia, o que pode afetar a produção.

##### 4.4.1. Destaques (Tabelas 8 e 9)

- Segundo as estimativas da BMI (2018b), o crescimento da produção será modesto até 2022, impulsionado por uma baixa recuperação dos preços globais. No curto prazo, em 2018/19, a safra de café terá contração modesta devido à impacto inicial do ano anterior.
- A produção brasileira de café atingiu 56,1 milhões de sacas, na safra 2016/2017. A produção futura será beneficiada pelo replantio de árvores que morreram durante a seca dos anos 2016 e 2017 e a safra 2018/19 contribuirá para um superávit comercial, conforme também previsto por Rabobank.
- As estimativas do segundo trimestre sugerem que a greve dos caminhoneiros em todo o país poderia prejudicar o volume de exportação de café 2018. Estimativas preliminares sugerem que a greve poderia reduzir os volumes de exportação de café em 900.000 sacas de 60kg (BMI, 2018b).
- No entanto, prevê-se que como consequência da queda de preços internacionais havida em 2018 irá desencorajar a produção a partir do próximo ano, ano característico de baixa no ciclo bienal de produção, uma vez que os agricultores optam por podar/rejuvenescer suas plantações e poupar nos custos dos fertilizantes. Estimativas de produção de café para a safra 2018/19 foram reduzidos para 51,2 milhões de sacas de 60kg devido aos menores rendimentos e aos efeitos de ano.
- Para apoiar a indústria doméstica de café solúvel, o governo brasileiro autorizou a importação de café robusta em 2017, com embarques vindos do Vietnã e incorrendo em uma tarifa de 2,0%. A indústria vinha enfrentando escassez por causa de anos consecutivos de produção abaixo da média no Espírito Santo, Rondônia e Bahia e estoques recorde. Esta política será descontinuado em 2018 (BMI, 2018b).
- As exportações de café em 2017/18 estão estimadas em 30,43 milhões de sacas de 60kg (31 milhões, segundo o Rabobank). O Brasil vai continuar a ser um exportador líquido de café, uma vez que essa cultura continua a ser uma atividade de rendimentos expressivos.

**Tabela 8:** Estimativas de produção, consumo, comércio e projeções de risco para a cultura do Café (2018-2022).

Itens	Previsão de crescimento 2018-2022	Perspectivas
Produção	4,1%	Revisamos positivamente nossas perspectivas de cinco anos para a perspectiva de produção de café, até 2022. Os rendimentos serão estáveis, mas comparativamente baixos no ano de 2018/19 para a safra robusta em 2017/18. Para 2022, esperamos estados produtores de robusta recuperação da seca e recuperar os preços globais para incentivar mais produção e rentabilidade.
Consumo	2,4%	Projetamos crescimento modesto até 2022, já que o café já tem uma alta taxa de penetração (98% de acordo com o USDA). O aumento da demanda será impulsionado pelo crescimento populacional, aumento do poder de compra e melhoria da qualidade marcas domésticas. Além disso, marcas de cafés gourmet e de qualidade superior estão prontas para desfrutar forte crescimento de vendas para além de 2016.
Comércio		As exportações serão impulsionadas em 2018. Agricultores brasileiros têm estocado a colheita de 2017 na esperança de melhores preços, mas será forçado a liberá-las antes do início da colheita maio de 2018.
Riscos	Curto Prazo	Alta probabilidade de que o fenômeno climático conhecido como La Niña seja menos rigoroso, em 2018, não afetando negativamente as projeções de aumento da safra de café, no Brasil. Uma rápida depreciação do BRL no período que antecedeu a eleição de outubro de 2018 poderia deprimir os preços da safra de café doméstico podendo desincentivar a produção na temporada 2018/2019. Os efeitos negativos da recente greve dos caminhoneiros no país poderiam afetar negativamente exportações de café em até 900.000 sacas, de 60 kg, ou mesmo mais do que essa estimativa inicial.
	Longo Prazo	A recuperação econômica em curso no Brasil pode resultar em valorização do real. Como os preços de exportação são denominados em USD e uma proporção significativa do café brasileiro é exportada, uma esperada recuperação econômica e a apreciação cambial do Real (em relação ao dólar americano) faria com que os preços "dentro da fazenda" caíssem em termos reais. Isso desencorajaria o plantio e futuros investimentos. O atual programa de austeridade do governo levou a níveis mais baixos de apoio financeiro para o setor agrícola. A redução do acesso ao financiamento poderia levar a níveis mais baixos de investimento que levariam ao futuro ciclos de colheita, o que teria um impacto negativo na produtividade da cultura.

Fonte: Fitch Solutions (2018b)

**Tabela 9:** Estimativas da produção e consumo de café (2016-2022).

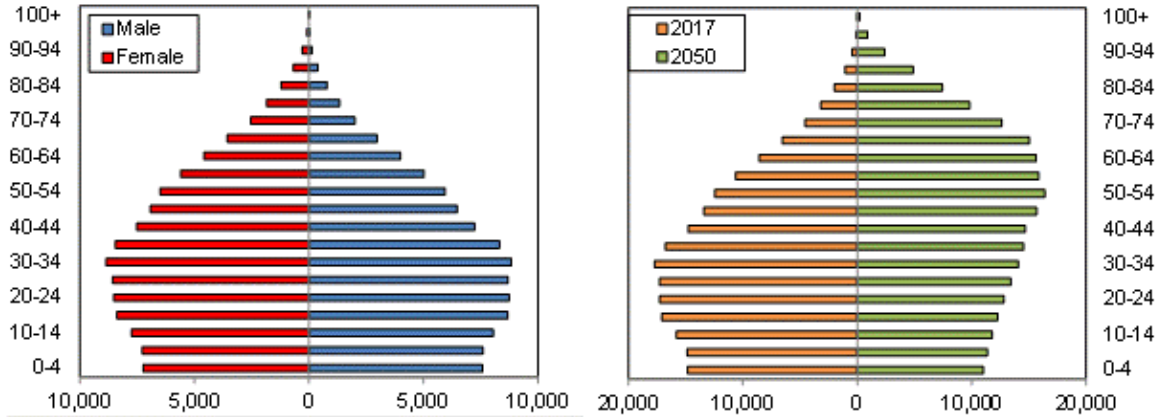
Indicadores	2016	2017	2018	2019	2020	2021	2022
Café: produção (000 t em sacas de 60kg)	54.300,0	49.400,0	56.100,0	53.876,0	57.500,0	58.500,0	59.876,0
Café: produção (% ano a ano)	-5,1	-9,0	13,6	-4,0	6,7	1,7	2,4
Café: consumo (000 t em sacas de 60kg)	20.855,0	21.525,0	22.194,4	22.793,7	23.340,7	23.772,5	24.188,5
Café: consumo (% ano a ano)	2,1	3,2	3,1	2,7	2,4	1,9	1,8

Fonte: Fitch Solutions (2018b)

## 5. BRASIL: ANÁLISE DEMOGRÁFICA

Uma sucinta abordagem demográfica é necessária como variável fundamental neste breve exercício de previsão macroeconômica e social. A **Figura 9**, detalha-se a pirâmide populacional atual e a mudança na estrutura da população entre 2017 e 2050. As **Tabelas 10 e 11** mostram indicadores e métricas como índices populacionais, divisão urbana/rural e expectativas de crescimento da população pensionável versus economicamente ativa (BMI, 2018a, 2018b, Fitch Solutions 2018b). Resumidamente, projeta-se até 2025 um crescimento positivo (0,54%) da população total do Brasil, concentrando-se principalmente na área urbana (87,8%), em relação à população rural (12,2%), predominância estável da população feminina sobre a masculina, com uma relação percentual de 0,96% (masculina/feminina), uma população economicamente ativa ligeiramente declinante, variando de 69,5% a 69,3%, entre 2015 e 2025, e um preocupante incremento da população pensionável, de 11,4% a 16,5%, como percentagem da população economicamente ativa, no mesmo período.





Fonte: Fitch Solutions (2018b)

**Figura 9.** Pirâmide populacional do Brasil: população por sexo e grupo de idades (esquerda) e projeções de distribuição por idades - 2017 versus 2050 (direita).

**Tabela 10.** Indicadores populacionais do Brasil (1990 a 2025).

ITENS	1990	2000	2005	2010	2015	2020	2025
População, total ('000)	149.352,1	175.287,6	186.917,4	196.796,3	205.962,1	213.863,0	220.370,6
População, ano a ano (%)		1,46	1,18	0,98	0,86	0,69	0,54
População total, masculino ('000)	74.065,8	86.623,2	92.224,8	96.931,9	101.283,7	105.007,0	108.046,4
População total, feminino ('000)	75.286,4	88.664,3	94.692,6	99.864,4	104.678,4	108.856,1	112.324,2
Taxa populacional, masculino/feminino (%)	0,98	0,98	0,97	0,97	0,97	0,96	0,96
População economicamente ativa ('000)	90.354,8	113.611,8	124.574,8	134.537,5	143.204,0	149.204,2	152.607,0
Percentual população ativa versus total (%)	60,5	64,8	66,6	68,4	69,5	69,8	69,3
População jovem, total ('000)	52.959,7	52.797,0	51.301,9	49.005,8	46.362,6	44.239,2	42.657,7
Percentual população jovem em relação população economicamente ativa	58,6	46,5	41,2	36,4	32,4	29,7	28,0
População pensionável ('000)	6.037,6	8.878,7	11.040,6	13.253,0	16.395,5	20.419,7	25.105,8
Porcentagem população pensionável em relação à população ativa total	6,7	7,8	8,9	9,9	11,4	13,7	16,5

Fonte Fitch Solutions (2018b)

**Tabela 11.** População urbana e rural do Brasil (total e %) (1990 a 2025).

ITENS	1990	2000	2005	2010	2015	2020	2025
População urbana ('000)	110.404,1	142.319,5	154.831,1	165.968,1	176.482,8	185.725,1	193.536,0
População urbana (% do total)	73,9	81,2	82,8	84,3	85,7	86,8	87,8
População rural ('000)	38.948,1	32.968,1	32.086,2	30.828,1	29.479,4	28.138,0	26.834,5
População rural (% do total)	26,1	18,8	17,2	15,7	14,3	13,2	12,2

Fonte: Fitch Solutions (2018b)

## 6. PERCEÇÃO DE INSTITUIÇÕES NACIONAIS QUANTO AO POTENCIAL DO AGRONEGÓCIO BRASILEIRO

Complementarmente às análises e projeções realizadas pela e Fitch Solutions (2018b) e RaboResearch Food & Agribusiness (2018a, 2018b), elaborou-se uma narrativa interna de como evoluiu a agropecuária brasileira nos últimos dez anos, ou mais especificamente, entre os anos de 2006 a 2016. Esta narrativa encontra-se fundamentada em recente livro “**Brasil em números**”, publicado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em setembro de 2018.

O primeiro semestre de 2018 apresentou como destaque a prolongada greve dos caminhoneiros brasileiros, abrangendo todo o país. Como resultado, o Produto Interno Bruto (PIB) brasileiro avançou somente 0,2% no segundo trimestre de 2018, em contraste à alta de 0,4% no primeiro trimestre, refletindo a fraca atividade econômica no país afetada, principalmente, por essa paralisação nacional. Com todas as incertezas existentes prevê-se que o PIB nacional cresça somente 1,36%, em 2018, e previsão de alta de 2,50%, em 2019.

Segundo dados divulgados pela Conab (2018), em 11 de setembro do corrente ano, a produção brasileira de grãos deve encerrar a safra atual (2017-2018) com um total de 228,33 milhões de toneladas, abaixo das 237,67 milhões de toneladas obtidas na temporada 2016-2017. Esses dados indicam uma queda de **-3,9%**, comparada com a safra anterior, muito embora a área cultivada pouco variou, passando de 60,9 milhões de hectares (2016-2017) para 61,7 milhões de hectares, em 2017-2018 (<https://www.conab.gov.br/ultimas-noticias/2481-estimativa-da-producao-de-graos-e-de-228-6-milhoes-de-toneladas>).

São destaques:

- **Produção de grãos:** A produção brasileira de **soja** vem assumindo liderança mundial com crescimento da produção ano a ano, tendo atingido 96,50 milhões de toneladas em 2016, 117 milhões de toneladas em 2018, e previsão acima de 124 milhões de toneladas em 2022. Além do aumento no consumo interno via óleo comestível e mais recentemente óleo carburante, parte significativa da produção é utilizada para ração animal, principalmente aves e suínos. Nas últimas décadas, o mercado internacional tornou-se fortemente demandante, principalmente China, e com preços relativamente compensadores, a cultura espalhou-se para todas as regiões brasileiras, com destaque para o Centro-Oeste e mais recentemente para o Centro-Norte. O **milho** é importante produto de demanda derivada (para rações animais e mais recentemente para exportação) aumentou sua produção em 50,35%, com produção total superior a 64,14 milhões de toneladas em 2016, 87 milhões de toneladas em 2018 e previsão acima de 99 milhões para 2022. Esta cultura tem grande dispersão no Território Nacional, mas cresce sua importância no Centro-Oeste, particularmente em Mato Grosso, principal estado produtor com 23,9%, em 2016. O **algodão** migrou do Nordeste, caracterizado como cultura de pequenos produtores e de baixa produtividade, para o Centro-Oeste com dominância de grandes propriedades. Sua produção, de 2006 a 2016, cresceu mais de 19%, tornando-se o Mato Grosso seu principal produtor com 64,1%. Quanto ao valor da produção de todas as culturas em 2016, o Estado de São Paulo lidera com 16,4%, seguido de Mato Grosso (13,8%), Paraná (12,6%), Rio Grande do Sul (12,1%) e Minas Gerais (12,0%). Chama atenção a concentração do valor de produção nestes cinco estados da federação, representando 66,9% em relação ao total do Brasil.
- **Área cultivada:** A soja incorporou, de 2006-2016, uma área de mais de 11 milhões de hectares, um aumento de 50,37%. Depois de se constituir a cultura preferencial no Centro-Oeste, avançou para o Centro-Norte, na região de MATOPIBA (Maranhão, Tocantins, Piauí e oeste da Bahia), mas sem abandonar as regiões tradicionais do Sul do país (Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná). Há ainda áreas potenciais para a incorporação da cultura, principalmente em fazendas tradicionais de

baixa produtividade da pecuária de corte. A cultura de maior expansão de área cultivada foi a cana-de-açúcar com 3,87 milhões de ha (+60,90%), favorecida pela sua competitividade no mercado internacional de açúcar e pela incorporação do etanol como biocombustível no mercado nacional. A cana em 2016 contribuiu com 17,5% na matriz energética do Brasil. Outras culturas com crescimento positivo foram o trigo (+38,84%), o algodão (+10,77%), e milho (+18,60%).

- **Produtividade da terra:** A maior produtividade foi do **trigo** com 98,10%, mas partindo de uma base baixa de 1.593 kg/ha em 2006. Todas as demais culturas também tiveram aumento de produtividade da terra. Surpreendentemente, a **cana-de-açúcar** (0,07%) e o **algodão** (+7,86%) ficaram abaixo de 10%, muito embora esta cultura tenha apresentado crescimento fenomenal na safra 2017/18 (fls 10). A cultura do café aumentou sua produtividade em 35,99%, atingindo 1.513 kg/ha em 2016. A produtividade da soja cresceu 22,06%, atingindo 2.905 kg/ha em 2016, pouco abaixo da norte-americana. A observação para a soja é de que a cultura foi introduzida no Brasil com nível tecnológico elevado, com variedades melhoradas, sistemas produtivos bem estruturados e maquinaria adequada; consequentemente ganhos em produtividades elevadas foram conquistas importantes, tendo em vista ainda a incorporação de vastas áreas antes marginais na produção de grãos, principalmente no Centro-Oeste do país. Dados da pesquisa agropecuária e prêmios de campeões de produtividade divulgados pelo Comitê Estratégico Soja Brasil (CESB) comprovam que há variedades e sistemas de produção com potencial para atingir mais de oito mil quilos por hectare (Elisio C., Seixas M. 2018).

A **Tabela 12** mostra a evolução de várias culturas, incluindo soja, no período de 2006-2016.

**Tabela 12:** Principais produtos agrícolas – 2006/2016

Produtos	Produção (toneladas)			Áreas (hectares)			Produtividade (kg/ha)		
	2006	2016	Variação %	2006	2016	Variação %	2006	2016	Variação %
<b>Algodão</b>	2.899.396	3.464.103	19,5	899.334	996.188	10,8	3.224	3.477	7,9
<b>Café</b>	2.573.368	3.019.051	-7,8	2.312.154	1.994.761	-13,7	1.113	1.513	36,0
<b>Cana de açúcar</b>	477.410.655	768.678.382	61,0	6.355.498	10.226.205	60,9	75.118	75.168	0,1
<b>Milho</b>	42.661.677	64.143.414	50,4	12.613.094	14.958.862	18,6	3.382	4.288	26,8
<b>Soja</b>	52.464.640	96.296.714	83,5	22.047.349	33.153.679	50,4	2.380	2.905	22,1
<b>Trigo</b>	2.484.848	6.834.421	175,0	1.560.175	2.166.170	38,8	1.593	3.155	98,1

Fonte: Contini, E., Seixas M. (2018)

- **Pecuária:** Juntamente com lavouras, a pecuária representa um setor importante da agropecuária nacional. A produção de carne bovina cresceu apenas 6,85% em todo o período, passando de 6.887 mil toneladas em 2006, para 7.359 mil toneladas em 2016. Em 2013 atingiu o mais alto volume de produção com 8.167 mil toneladas. De 2006 a 2016, o rebanho bovino cresceu de 171.613 mil cabeças, para 218.225 mil (+27,16%). A questão a ser levantada refere-se a pouco crescimento na produção de carne bovina de apenas 6,85%, enquanto o rebanho aumentou de 27,16%. Os dados do Censo Agropecuário 2017 podem elucidar algumas causas da estagnação do setor. A questão de doenças do rebanho, como a febre aftosa, forte concorrência internacional, mudanças de hábitos

alimentares em parcelas da população nacional e mundial e a crise econômica e política recente no Brasil podem explicar em parte esse comportamento. A produção de carne suína cresceu no período de 2.298 mil toneladas para 3.711 mil toneladas (+61,48%). Este crescimento é resultado da adoção de novas tecnologias, tanto na genética, como na área de nutrição e sanidade. O progresso do setor para os próximos anos consiste num programa agressivo de exportações; caso contrário, a evolução será modesta. O maior sucesso da pecuária está na carne de aves. O crescimento de 8.164 mil toneladas para 13.235 mil toneladas em 2016 (+62,11%) tornou o Brasil o terceiro maior produtor mundial e o 1º exportador, atendendo a 135 países. É a cadeia produtiva mais bem estruturada, com genética definida, taxas de conversão otimizadas, cuidados sanitários apurados, produtores competentes, e assistência técnica privada, fatores que tornaram a carne de frango barata e popular no mercado doméstico e vem conquistando parcelas importantes do mercado internacional.

- **Agronegócio e o Produto Interno Bruto nacional.** Do PIB do agronegócio da ordem de R\$ 1.267.241 mil, em 2016, 29,80% devem-se à agropecuária, 30,80% ligados à infraestrutura e logística, 11,93% relativos a insumos e 27,47% à agroindústria. A agropecuária movimenta parte importante da economia, abastece o mercado interno e contribui fortemente para as exportações, haja vista que são a principal força motriz do crescimento. Os exemplos mais contundentes são a soja, o milho e carnes. Culturas que não se integraram ao mercado externo crescerão ao máximo acompanhando a taxa decrescente da população brasileira. As exportações beneficiam-se do crescimento da população mundial, do aumento da renda destas pessoas e da limitação de recursos naturais (terra, água) em países populosos, como a China e a Índia.
- **Projeções da agropecuária brasileira:** No setor da agropecuária, continua forte a estratégia de aumento da produtividade, tanto da terra, como dos demais fatores de produção. Várias cadeias produtivas estão ainda em processo de modernização e organização entre os seus componentes; necessário se faz acelerar este processo. Tecnologia, defesa, segurança jurídica, infraestrutura e liberalização do comércio internacional são instrumentos fundamentais para o progresso do setor. Projeções nacionais e internacionais indicam que o Brasil tem oportunidades de negócios, particularmente em grãos e carnes, e esta Nota Técnica destaca as positivas narrativas internacionais e nacionais.

## REFERÊNCIAS

BMI RESEARCH (2018). **Brazil: Agribusiness Report: includes 5 years forecasts to 2021**. Q1 2018a. 96p. Publicado por BMI Research. Janeiro 2018.

BMI RESEARCH (2018). **Brazil: Agribusiness Report: includes 5 years forecasts to 2022**. Q3 2018. Junho 2018b. Acessível em: <http://www.bmiresearch.com>. Acesso em: 04 de setembro 2018.

Companhia Nacional de Abastecimento-Conab (2018). **Estimativa da produção de grãos é de 228,6 milhões de toneladas**. In: /info-agro/safras/grãos/ boletim-da-safra-de-graos. Acessível em (<https://www.conab.gov.br/ultimas-noticias/2481-estimativa-da-producao-de-graos-e-de-228-6-milhoes-de-toneladas>). Acesso em 14 de setembro 2018.

Fitch Solutions (2018). **Brazil Livestock Production to Continue Despite Corruption Scandals and Trade Uncertainty**. Agosto de 2018a. In: Industry Trend Analysis. Acessível em: <http://fitchsolutions.com>. Acesso em: 10 de setembro 2018.

Fitch Solutions (2018). **Brazil: Agribusiness Report: includes 5 years forecasts to 2022**. Q4 2018. Setembro 2018b. Acessível em: <http://www.fitchsolutions.com>. Acesso em: 02 de outubro 2018.

Folha de São Paulo (2018). **China mira Brasil como parceiro estratégico em meio à guerra global**. Acessível em: (<https://ww1.folha.uol.com.br/fsp/fac-simile/2018/06/26>). Acesso em 26 de junho de 2018.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2018). **Agropecuária**. Capítulo 11. p.231-254. Autores: Contini E., Seixas M. In: Brasil em números. Vol.26. Rio de Janeiro: IBGE, 2018. 509p.

RaboResearch Food & Agribusiness (2018). **Brazil Agribusiness Quarterly**. Q3 2018. September 2018. Acessível em: [https://research.rabobank.com/far/en/sectors/regional-food-agri/brazil\\_agribusiness\\_quarterly.html](https://research.rabobank.com/far/en/sectors/regional-food-agri/brazil_agribusiness_quarterly.html). Acesso em 17 de setembro 2018.

RaboResearch Food & Agribusiness (2018). **China Food and Agribusiness Monthly**. October 2018b. Acessível em: [https://research.rabobank.com/far/en/sectors/regional-food-agri/china\\_fa\\_monthly.html](https://research.rabobank.com/far/en/sectors/regional-food-agri/china_fa_monthly.html). Acesso em 11 de outubro 2018.

Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico-OCDE (2017). **Medium-Term Prospects for Major Agricultural Commodities 2017-2026 – Brazil**. 2017. Acessível em <https://www.agri-outlook.org>. Acesso em 24 de setembro 2018.